

## PALAVRAS-CHAVE E LIVROS DE LITERATURA INFANTOJUVENIL

Priscila Kaufmann Corrêa<sup>1</sup>

O historiador Raymond Williams publicou, em 1976, um livro intitulado *Palavras-chave*<sup>2</sup>, reunindo diferentes palavras que tiveram seu significado modificado ao longo do tempo. Com isso, o autor dá uma dimensão nova para as palavras e seus usos e abre para problemas teóricos que dizem respeito a diversas áreas.

Este trabalho pretende refletir sobre algumas palavras-chave presentes nos livros de literatura infantojuvenil de autoria da Condessa de Ségur, Louisa May Alcott e Maria Clarice Marinho Villac. Atentar para o uso destas palavras no interior dos textos, auxilia na compreensão da finalidade educativa deles, uma vez que estes textos se dirigem a um público que se supõe em formação. Também serão analisadas as palavras-chave dos textos adaptados por Herberto Sales para os livros da Condessa de Ségur e de Louisa May Alcott.

O estudo aqui desenvolvido busca entender a relação destas palavras-chave dentro do próprio texto. Trata-se de palavras-chave que se consolidaram no século XIX e que continuam em voga no século XXI. Por se tratar de livros para a infância e a juventude, elas tratam da infância na sua relação com a família, a educação e a religião. Nesta relação existem palavras e situações que contribuem para a construção de valores.

A Condessa de Ségur começou a publicar seus livros na década de 1850, na França, Louisa May Alcott publicou seus livros dedicados ao público jovem na década de 1860, nos EUA e Maria Clarice Marinho Villac publicou seus livros nas décadas de 1930 e 1940 no Brasil. Conhecer brevemente as trajetórias de vida destas escritoras permite compreender em que contexto as certas palavras foram incorporadas aos discursos dos livros, além de entender como chegaram a escrever e publicar seus livros em um mercado editorial que se expandia e se consolidava, buscando também atender a um novo público consumidor.

As publicações escolhidas da Condessa de Ségur, é composta pelos livros *Les petites Filles modèles* (1858), *Les malheurs de Sophie* (1858) e *Les vacances* (1859)<sup>3</sup>. Os livros de Louisa May Alcott são *Little women* (1868) e *Good wives* (1869). Das publicações de Maria Clarice Marinho Villac serão analisados *Cinco travessos: amiguinhos de Jesus Hóstia* (1937) *Clarita da pá virada* (1939) e *Clarita no Colégio* (1945). Os livros foram publicados em países e em momentos diferentes, contudo, todos eles apresentam protagonistas femininas que precisam aprender a se conter e se comportar da maneira considerada adequada.

Os livros foram forjados em parceria com editores e ilustradores, que trazem discursos com palavras-chave a serem guardadas pelo leitores. Nestes discursos existem a defesa de valores considerados importantes.

### Trajetoórias de vida

A Condessa de Ségur começou sua carreira de escritora aos 56 anos de idade, quando era avó. Sophie Rostopchine nasceu em São Petersburgo, na Rússia, no ano de 1799. Sua infância teria sido marcada pelo rigor da educação estabelecida pela mãe, a Condessa Catherine Rostopchine. A educação rigorosa incluía ainda a aprendizagem da leitura e da escrita em diferentes línguas, como o russo, francês, inglês e alemão, além de escrever nestas línguas também.

---

<sup>1</sup> Doutoranda da Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: [prikco@gmail.com](mailto:prikco@gmail.com).

<sup>2</sup> *Keywords*.

<sup>3</sup> Os títulos estrangeiros serão utilizados para indicar as obras originais, enquanto os títulos em português serão indicados para as adaptações.

Sophie se exilou na França juntamente com sua família em 1817 e se casou com Eugène de Ségur, com quem teve oito filhos (LEÃO, 2007, p. 5). O Conde de Ségur, como presidente Companhia dos Caminhos de Ferro do Leste, conheceu o editor Louis Hachette e indicou sua esposa para escrever livros infantis nas estações de trem. Seus livros inauguraram a coleção *Bibliothèque Rose*, que englobava obras de literatura infantojuvenil e que se caracterizava pela cor rosada das capas. A Condessa escreveu 20 obras para a coleção, discutindo com o editor cada uma delas. A troca de cartas poderia se tornar mais inflamada em alguns momentos, nos quais a escritora defendia seu texto da censura (HEYWOOD, 2008, p. 191).

Louisa May Alcott, nos Estados Unidos, teve uma formação diferente em sua família. Nasceu em Germantown, na Filadélfia, em 1832 e foi a segunda das quatro filhas de Bronson Amos Alcott e de Abigail May Alcott. Amos Bronson, era adepto da filosofia transcendental e trabalhou como professor, criando escolas em diversas cidades, mas não se mostrou bem sucedido nestas tentativas. Louisa aprendeu a ler e escrever em casa, com o apoio do pai e da mãe. Também teve acesso aos livros nas bibliotecas de amigos do pai.

Louisa May iniciou sua carreira de escritora publicando contos e poemas para jornais, sob diferentes pseudônimos. Em 1868 o editor Thomas Niles, da editora Roberts Brothers, sugeriu que escrevesse um romance para jovens. Ela escreveu então a primeira parte de *Little women*, e, por conta do sucesso, acabou escrevendo a segunda parte conhecida como *Good wives*. Louisa May Alcott ainda tentou se dedicar a uma literatura para adultos, mas acabou se consagrando com os livros juvenis.

Maria Clarice Marinho Villac, por sua vez, é uma escritora brasileira, que publicou seus livros entre as décadas de 1930 e 1940. Nasceu em Itu (SP) no ano de 1903 e, quando criança, passava algumas temporadas nas fazendas de café de seus avós maternos. Aos 12 anos de idade Maria Clarice passou a estudar no Colégio Progresso, em Campinas (SP), um colégio interno para meninas. Teve aulas de costura, de piano, de francês, inglês, matemática, física, além das atividades religiosas.

Após se formar casou-se com o engenheiro Dr. Paulo José Villac e perdeu o marido aos 27 anos de idade. Se encarregou da criação dos filhos, contando com o apoio de freiras e outros membros da comunidade religiosa do bairro de Perdizes, em São Paulo (SP). Nos anos de 1930 passou a publicar os livros com histórias que costumava contar aos filhos e sobrinhos.

O primeiro livro que publicou foi *Cinco travessos*, em 1937, pela editora Paulinas e teve várias edições. O livro seguinte foi lançado em 1939, com o título de *Clarita da pá virada*, pela editora Revista dos Tribuiniais, com o pseudônimo de Violeta Maria. O último livro de Maria Clarice, *Clarita no Colégio*, saiu em 1945 pela editora Cristo-Rei. Os livros cuja protagonista é Clarita foram relançado na década de 1980 pela Fermata e nos anos 2000 pela editora La Cruce.

As três escritoras encontraram oportunidades de publicar seus livros. Seus percursos também foram permeados por obstáculos e dificuldades, porém encontraram maneiras de se impor e trouxeram à tona os livros com discursos permeados de palavras-chave que remetem ao que acreditavam sobre as relações entre a família, a infância, a educação e religiosidade.

### **As palavras-chave**

Cada uma das escritoras contou com o auxílio dos editores para compor os discursos disseminados pelos livros, em um formato que se mostrasse atraente para os jovens leitores. No interior destes discursos é possível identificar palavras-chave que estão presentes ao longo dos textos na língua original. As palavras-chave se entrelaçam nos discursos, chamando a atenção acerca dos tratamentos da infância e como a família, juntamente com a religiosidade e a educação lidam com a criança.

As palavras-chave são diferentes no interior dos discursos, para cada um dos livros analisados. O primeiro livro, *Les malheurs de Sophie*, reúne um conjunto de desastres que acontecem para Sophie. Nestes casos Sophie geralmente é *punida*, uma palavra-chave bastante frequente ao longo do livro: “Você não terá outra punição que a de não comer frutas cristalizadas até elas acabarem.” (SÉGUR, 1880, p. 161, tradução nossa) Por outro lado, há também palavras-chave que remetem a um bom comportamento esperado, como a *sabedoria* para realizar as ações consideradas corretas, como no caso: “Sophie não respondia, mas ela sorria com um ar satisfeito, com o qual ela queria dizer que seria definitivamente sábia.” (Ibidem, p. 143, tradução nossa)

Em *Les petites filles modèles*, as palavras-chave são diferentes. Sophie emerge na narrativa com uma madrasta, que *bate* nela, sendo esta uma palavra-chave muito frequente: “[...] e apesar dos protestos e do choro de Sophie, ela começa a batê-la, até lhe doerem os braços.” (SÉGUR, 1858, p. 105, tradução nossa) Há palavras-chave que remetem à *caridade*, para que a criança mude de atitude por meio de um aspecto religioso: “Sophie é viva, mal-educada, e não possui o hábito de praticar a caridade, mas ela tem um bom coração, e ela irá compreender a lição que vocês dão com seu exemplo.” (Ibidem, p. 82, tradução nossa) Em *Les petites filles modèles* o discurso se refere à formação da menina. Em *Les vacances*, por sua vez, a ênfase maior se volta para a formação do menino. As palavras-chave se referem à *coragem* dos meninos que visitam a casa de Fleurville, em contraponto à *covardia* de certos meninos. Há expressões como “[...] meu pai fez coisas admiráveis de coragem e de força.” (SÉGUR, 1861, p. 213, tradução nossa), como exemplos de homens valentes. Por outro lado há também meninos covardes, que não o assumem: “Você irá encontrá-lo e o fará sentir vergonha de sua covardia.” (Ibidem, p. 106, tradução nossa)

Nos livros de Louisa May Alcott, as palavras-chave também indicam o que se espera da formação de uma jovem ou aquilo que deveria ser evitado. Na segunda parte as jovens se tornam adultas e quase todas se casam, fazendo uso do que lhes foi ensinado na família. Ao longo das duas partes de *Little women*, existe uma ênfase sobre a *bondade* que deve ser exercida constantemente. Na segunda parte, *Good wives*, há inclusive a pretensão de uma das personagens em criar uma escola: “[...] parecida com um lar, para meninos, que precisam de instrução, cuidado e bondade.” (ALCOTT, 1880, p. 579, tradução nossa) A formação pela família, no interior do lar, deveria ser reproduzida na escola. Outra palavra-chave frequente no livro é *vaidade*, um aspecto tido como negativo, que deveria ser evitado: “Isso vai fazer bem por minha vaidade; eu estava ficando muito orgulhosa de minha cabeleira.” (Ibidem, p. 201, tradução nossa) Uma das irmãs decide vender seus cabelos para obter um dinheiro para ajudar a família e, neste sentido, ela abre mão de sua vaidade para auxiliar em ações tidas como mais importantes.

Nos livros de Maria Clarice Marinho há dois momentos nos livros da escritora. *Cinco travessos* é um registro de uma mãe sobre a criação de seus cinco filhos, sendo mais indicado para a leitura por adultos. Em *Cinco travessos* o discurso é pautado pela religiosidade católica e pela família, sendo a palavra-chave mais frequente a de sacrifício, no sentido de abrir mão de algo de que goste: “[Pedrinho diz que] Outro dia, durante a confissão, o Padre me disse para fazer um sacrifício de não comer doce, no sábado, por amor de Nossa Senhora: eu, então, vou fazer...” (MÃE BRASILEIRA, 1940, p. 43) Contudo, os filhos também são muito *peraltas*: “E todos [os filhos] sadios, alegres, barulhentos, turbulentos e peraltas, e então, volta e meia são uns beliscões daqui, uns safanões dali, umas palmadinhas acolá...” (Ibidem, p. 15) A mãe não se contém e acaba batendo neles em alguns momentos, por mais que se esforçasse para ser mais paciente.

Em *Clarita da pá virada*, os discursos trazem certa dose de saudosismo e a narrativa é mais fluída, convidando o leitor a compartilhar as travessuras de Clarita. Trata-se de um coletânea de acontecimentos e traquinagens da menina. Por este seu comportamento, seu *gênio*

é muito destacado nos discursos: “Seu gênio é assim, muito vivo, turbulento, autoritário [...]” (VIOLETA MARIA, 1939, p. 12) O bom *comportamento* é muito valorizado ao longo da obra, em detrimento das peraltagens da protagonista: “E estas priminhas, não! São ajuizadinhas, são comportadinhas, nunca trepam nas árvores, nunca dão cambalhotas [...]” (Ibidem, p. 114)

*Clarita no colégio* traz as vivências no colégio e também existe uma valorização do bom *comportamento*: “Ela sente em si um desejo tão grande de ser boa, bem comportada, nunca ficar de castigo, de não ganhar maus pontos, de não levar tantos pitos...” (VIOLETA MARIA, 1945, p. 29) Mais uma vez o contraponto é *gênio* de Clarita, que, por maior que fosse seu esforço em se conter, tão postura se mostra difícil: “Clarita é muito geniosa e orgulhosa também. Por qualquer coisinha explode.” (Ibidem, p. 122) O bom comportamento desejado e o gênio de Clarita emergem ao longo de todo o livro.

### As adaptações de Herberto Sales

Herberto Sales, escritor baiano que escreveu livros para adultos, também realizou adaptações pela editora Tecnoprint. Os livros da Condessa de Ségur possuem palavras-chave diferentes, como *obediência*, por exemplo, em *Sofia, a desastrada*: “A cada desobediência de Sofia sucedia uma conselho da sra. De Réan, que ela prometia seguir fielmente, mas não seguia.” (SALES, 1970, p. 35) Ao invés de sabedoria, os pais esperavam *sinceridade* da menina: “Você bem que merecia um castigo. Em todo caso, como foi sincera, confessando tudo que fez, vou perdoá-la.” (Ibidem, p. 80)

Em *As meninas exemplares* a *obediência* é mais uma vez ressaltada: “Vocês, até agora, minhas filhas, têm sido muito obedientes. Quero que continuem sempre assim [...]” (SALES, 1971, p. 156) E na adaptação *Sophie* é agredida, mas com palavras-chave diferentes, como *palmas* e *castigar*, não fazendo menção às varas: “Ali, fora das vistas da sra. De Fleurville e da sra. De Rosbourg, encheu a de palmadas, para castigá-la pela falta cometida.” (Ibidem, p. 201)

Se em *Les vacances*, a coragem dos meninos é destacada, em *As férias* é substituída por *admiração*: “Tome Paulo. Quero que guarde este pequeno presente como prova da minha admiração por tudo o que você fez.” (SALES, 1971, p. 123) *Covardia* é substituída por *medo*: “Confesso que tive medo. O comandante, porém, procurou me acalmar.” (Ibidem, p. 96)

Em *As filhas do Dr. March* algumas palavras se aproximam, como no caso em ter *boa educação*: “Terei, dentro em pouco, uma moça terna, delicada, de coração firme, mais educada [...]” (SALES, 1969, p. 122) E *vaidade* emerge mais uma vez na adaptação: “O que me faz chorar, como uma boba, é ver o egoísmo e a vaidade que ainda existem em mim.” (Ibidem, p. 94) As palavras-chave nas versões de Herberto Sales se aproximam, mas em geral, são suavizadas das obras originais, adaptando-as ao gosto do público leitor brasileiro entre as décadas de 1960 e 1970.

### Algumas considerações

As palavras-chave são escolhidas para compor os discursos que procuram convencer acerca das representações sobre infância, família, religiosidade e educação. Em geral, as palavras-chave são contrapostas, trazem aspectos considerados adequados e outros rejeitados nos discursos, procurando deixar estas questões de forma clara para o leitor.

As palavras-chave ganham significados diferentes no interior dos discursos nos textos originais e nos textos adaptados. As adaptações procuram acompanhar a juventude a seu tempo, havendo ainda uma intenção do autor e do editor de manter alguns valores, porém com uma renovação dos discursos.

## Referências

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

PERROT, Michelle. "Figuras e papéis". In: PERROT, Michelle (Org.). **História da Vida Privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 107-168.

PIMENTEL NETO, Aydano de Almeida. **Entre Espelhos e Labirintos: uma mirada Argentina sobre o Brasil**. (Doutorado), PUC-Rio de Janeiro, 2006.

WILLIAMS, Raymond. **Keywords: a vocabulary of culture and society**. Nova Iorque (EUA): Oxford University Press, 1985.

VINCENT, Guy.; LAHIRE, Bernard.; THIN, Daniel. "Sobre a história e a teoria da forma escolar". **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 7-47, jun. 2001.